CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: LINO BROCKA - MATEM O ARTISTA NACIONAL
20 e 26 de outubro de 2026

DALAGA SI MISIS, BINATA SI MISTER / 1981
(*"A Esposa está Solteira e o Marido é Solteiro"*)
Um filme de Lino Brocka

Realização: Lino Brocka / *Argumento*: Jose Dalisay Jr., baseado numa história de Efren Abueg / *Montagem*: Efren Jarlego / *Direção de Fotografia*: Conrado Baltazar / *Produção*: Peter L. Gan / *Produção Executiva*: M.V.M. / *Design de Produção*: Joey Luna / *Gestão de Produção*: George Santos / *Assistência de Realização*: Lito Tiongson / *Supervisão e Mistura de Som*: Rolly Ruta / *Assistência de Montagem*: Ning De Leon, Rico Salas / *Coordenação de Projecto*: Boy C. De Guia / *Interpretações*: Nora Aunor (Doria), Christopher De Leon (Vic), Cami Martin (Laila), Joel Alano (Andre), Anita Linda (Mãe de Vic), Bert Olivar (Douglas), Menggie Cobarrubias (Pete), Beth Mondragon (Weng), Mario Layco (Mario), Dyday Mandinas (Duday) / *Cópia*: DCP, a cores, falado em tagalog, legendado em inglês e eletronicamente em português / *Duração*: 93 minutos / *Estreia Mundial*: 4 de setembro de 1981, Filipinas / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Aviso: a cópia apresenta riscos e manchas na imagem que podem prejudicar o seu visionamento.

***

Um filme que talvez possa ser recebido com surpresa pelo espectador conhecedor do cinema de Lino Brocka. Ao invés do habitual "melodrama de luta" com ação, sexo e violência, temos uma *screwball comedy* filipina, com muitos dos elementos da americana. No centro, ganha forma uma feroz "disputa" entre dois dos atores mais amados do cinema do seu país: a *superstar* Nora Aunor, sob direção de Lino Brocka apenas um ano após o magnífico **Bona** (1980), e Christopher De Leon, que participou numa mão cheia de filmes realizados pelo célebre cineasta filipino, mas nenhum exatamente como este. Depois de "dramalhões" bastante pesados, ao jeito de *vias-crucis* de forte pendor social e político (De Leon começou a trabalhar com Brocka em **Tinimbang ka ngunit kulang / "Pesada e Achada em Falta"** [1974], num papel dramático pungente, e **Bona** é uma obra em que vemos Nora Aunor desglamourizada, interpretando uma jovem de modesta condição social inebriada pelo charme de um galã de cinema que não tem onde cair morto), eis, enfim, uma comédia sexual que revela o fascínio de Brocka pelo cinema hollywoodesco mais clássico, algures entre Frank Capra, George Cukor, Howard Hawks e Leo McCarey.

Dalaga si misis, binata si mister enquadra-se naquilo que o filósofo norte-americano Stanley Cavell, no livro *Buscas da Felicidade – A Comédia de Recasamento em Hollywood*, designou por "comédia de recasamento" referindo-se ao sistema clássico norte-americano. Trata-se de narrativas cómicas que parecem ter o objetivo velado de voltar a juntar um casal desavindo, na iminência da rutura ou mesmo após o divórcio. São histórias em que as personagens passam pelos vários estádios do processo de maturação: infantilidade gritante ao início convertida num momento de reconhecimento do "erro" inicial, aceitando os defeitos e as faltas da "anterior" cara metade. Com efeito, **Dalaga si misis, binata si mister** abre com uma súbita rutura amorosa, em que a mulher, a cantora e apresentadora de televisão Doria (a espelhar a celebridade que Aunor era na vida real, portanto, alguém nos antípodas de Bona no filme homónimo citado), diz "basta" ao marido irresponsável, um executivo no ramo publicitário interpretado por De Leon. Bate a porta com estrondo, levando o marido a rever a sua atitude ou tentar a sua sorte junto de uma das várias modelos publicitárias com quem interage no seu local de trabalho.

Conseguimos imaginar um filme assim a preto-e-branco, interpretado por Cary Grant e Irene Dunne (pese embora Aunor nos faça pensar mais em Claudette Colbert do que em Dunne, o filme assemelha-se a uma espécie de *remake* em tagalog de **The Awful Truth** [1937]). Ao contrário de tantos outros títulos de Brocka, estamos no coração da alta sociedade filipina. Brocka, que viveu a infância num bairro de lata,

visita a classe alta, como fizera no início da sua carreira em **Tubog sa ginto / Gold-Plated** (1970), com uma acidez quase "sirkiana" mas, apesar de se poder sentir o comentário social nas entrelinhas deste filme, é assumidamente o ritmo e o *punch* das ditas comédias clássicas que enformam este exercício de género mais popular ou *light*. A luta de classes a dar lugar à guerra dos sexos.

Trata-se, em suma, de um veículo para as suas estrelas, um filme que devolve Nora Aunor ao meio que conhece bem, quase que interpretando a sua *persona* pública, e potenciando a leveza jovial e *clownesca* do seu protagonista. Não há tensões para lá daquelas que juntam e tantas vezes separam homem e mulher entre si. A dado momento, Doria descreve o seu casamento como "moderno", mas, mesmo assim, há limites para a irresponsabilidade do marido que leva uma vida de solteirão, saindo à noite quase todos os dias e, acima de tudo, esquecendo-se do seu terceiro aniversário de casados. Ela tem algumas culpas no cartório, por encarar o casamento com pragmatismo, ciente de que estarem sempre a ver a cara um do outro, 24 horas por dia, não será benéfico, ainda que, ao mesmo tempo, requeira mais responsabilidade e atenção do marido infantilizado (veja-se como o próprio corre de volta para debaixo das saias da mãe mal o casamento ameaça ruir de vez e sem remédio). É uma espécie de problema de difícil ou até de impossível resolução, à laia de um "não se pode comer o bolo e tê-lo". Num casamento moderno, a regra é não haver regras, mas Doria não se conforma com o estado a que chegou esta relação, mesmo com o marido a "rastejar" de volta para a reconquistar, prometendo uma nova atitude daí em diante: "No more chicks!" ("Mais nenhumas miúdas!"), garante ao amigo e colega, e também a si mesmo para logo no instante seguinte ficar emudecido, leia-se, *derretido* pela presença da nova modelo publicitária, Layla, que se apresenta ao "patrão" de *bikini*.

O desajeitado (ex-)marido solteirão até pode querer muito ser um *good boy*, mas as tentações são muitas... Ao mesmo tempo, Doria começa a sair com um promissor jovem cantor chamado Andre. Qual comédia de equívocos, o embate entre (ex-)marido e (ex-)mulher será inevitável e tão cómico quanto desconfortável. A cena no *diner* é, nesse aspeto, um dos pontos altos do filme em matéria de comicidade quase burlesca, com Aunor e De Leon numa compita sobre quem conseguirá enciumar mais o outro e com cada um a aprofundar, de maneira precipitada, as respetivas relações com as suas potenciais novas conquistas. A marcação será cerrada entre um e outro ainda que aparentem ser indiferentes ao curso da vida que cada um leva. No entanto, espiam-se e interferem na vida um do outro. Na verdade, conspiram secretamente para salvar o seu casamento. O *drôle de chemin* que levam até acabarem por resolver tudo onde devem, no leito matrimonial ("é o sexo, estúpido!"), é digno tanto da comédia clássica quanto de um Pietro Germi ou mesmo de um Blake Edwards. Ou então serve de amostra do muito particular caso do cinema popular filipino.

Luís Mendonça